



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

WILIANE MARIA DA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DE GUARABIRA, SOB O PONTO DE VISTA
DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

GUARABIRA

2013

WILIANE MARIA DA COSTA

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DE GUARABIRA, SOB O PONTO DE VISTA
DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins

GUARABIRA

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

C324r Costa, Wiliane Maria da

Reflexões sobre o ensino de leitura e escrita nas escolas públicas de Guarabira, sob o ponto de vista de estágio / Wiliane Maria da Costa. – Guarabira: UEPB, 2013.

19 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

1. Literatura - Ensino 2. Língua Portuguesa - Ensino 3. Processo de Ensino-Aprendizagem I. Título.

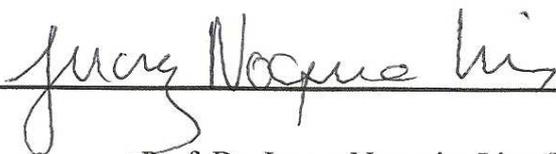
22.ed. CDD 410

WILIANE MARIA DA COSTA

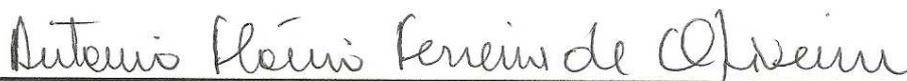
**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NAS
ESCOLAS PÚBLICAS DE GUARABIRA, SOB O PONTO DE
VISTA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento
à exigência para a obtenção do grau de Licenciado
em Letras.

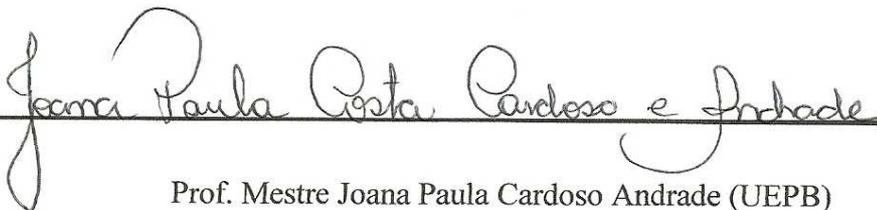
Aprovado em: 30 de agosto de 2013



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (UEPB)
(ORIENTADOR)



Prof. Mestrando Antônio Flávio Ferreira de Oliveira (UEPB)
(EXAMINADOR)



Prof. Mestre Joana Paula Cardoso Andrade (UEPB)
(EXAMINADORA)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
2. CARACTERIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	05
2.1 A importância do estágio supervisionado na formação do acadêmico.....	05
2.2 O estágio supervisionado na escola campo	07
3. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	08
3.1 Refletindo sobre as práticas de leitura e escrita no Ensino de Língua Portuguesa.....	09
3.2 O papel do livro didático na construção do hábito da leitura.....	12
4. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: RELATO DAS EXPERIÊNCIAS	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
6. REFERÊNCIAS	19

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE GUARABIRA, SOB O PONTO DE VISTA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

WILIANE MARIA DA COSTA

RESUMO

A partir de observações e regências realizadas durante o estágio supervisionado do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, percebemos a distorção feita à prática de leitura e escrita em sala de aula. Trata-se de um grande desafio, pois a escola e o próprio professor pensam no ensino de língua portuguesa como um estudo unicamente gramatical, repleto de regras e conceitos, enquanto a leitura e escrita são trazidas para sala de aula de forma equivocada, incompatíveis as reais necessidades dos alunos, e vista pelo professor como uma atividade trabalhosa, onde se dedica muito tempo e que resulta no atraso do cronograma. Dessa forma, é preciso que o professor construa uma nova visão e metodologia para esse processo de ensino e aprendizagem, no qual as práticas de leitura e escrita possam ser consideradas essenciais para a formação do indivíduo. Partindo desse pressuposto, o presente artigo tem como principal objetivo tecer reflexões sobre as práticas educativas voltadas para a leitura e escrita das escolas públicas da cidade de Guarabira.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Ensino de Língua Portuguesa; Leitura; Escrita.

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são aspectos fundamentais no ensino da Língua Portuguesa, e a escola tem um papel relevante na construção dessa prática. Porém, muitos equívocos são cometidos principalmente por entenderem a leitura e a escrita como um simples objeto de ensino.

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também um objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata (BRASIL, 2000, p.54).

Muitos alunos sabem ler e escrever, mas exercem essa habilidade restritamente, leem apenas os textos do livro didático indicados pelo professor, produzem textos com o objetivo

final de obter uma nota, ou seja, são leitores e escritores por obrigação, não constroem significação, não veem como uma prática social, e todo esse conjunto de falhas, tem como consequência o desinteresse pela leitura e pela produção textual. Pensando dessa forma, podemos considerar esclarecidos tantos questionamentos feitos pelos professores: Por que meus alunos não gostam de ler? Por que meus alunos não conseguem produzir um texto coerente e coeso?

É possível repensar o ensino de Língua e discutir alguns entraves que se perpetuam por gerações. Torna-se necessário adaptar esse ensino ao contexto social, adotar práticas contemporâneas de leitura e escrita, apresentar gêneros textuais diversos, metodologias inovadoras, que possam garantir uma eficácia no processo de ensino e aprendizagem em escolas públicas e privadas.

O presente trabalho tem como principal intuito propor reflexões e discussões sobre a importância da prática de leitura e escrita, relatando as experiências vivenciadas em sala de aula das escolas campo de estágio, onde nos deparamos com um alto índice de desinteresse pela leitura e dificuldades na escrita. Os alunos demonstram dificuldades com a leitura desde as séries iniciais e acaba trazendo essas frustrações para o ensino médio, o que dificulta seu desenvolvimento e sua aprendizagem no âmbito escolar e social.

Salientaremos primeiramente a caracterização do estágio e da escola, em seguida abordaremos os aspectos teóricos, dissertando sobre as práticas de leitura e escrita no ensino de Língua Portuguesa e a importância dessas práticas para vida escolar/social dos indivíduos, por fim apresentaremos os resultados obtidos no Estágio Supervisionado, possibilitando reflexões sobre as teorias estudadas no curso de Licenciatura Plena em Letras e as realidades observadas na escola campo.

2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

2.1 A importância do estágio supervisionado na formação dos acadêmicos.

O Estágio Supervisionado é uma exigência do curso de licenciatura e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), que propicia ao acadêmico uma experiência no seu futuro campo de atuação. Este componente curricular é oferecido pelas universidades a partir do 2º semestre, quando o acadêmico inicia os estudos voltados para o

processo de ensino e aprendizagem, metodologias, recursos didáticos, planejamento, métodos avaliativos, ou seja, os principais fundamentos da educação.

O estágio é *o locus* onde a identidade profissional é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade (BURIOLLA, *apud* PIMENTA; LIMA, 2011, p.62).

Esse componente curricular proporciona uma experiência direta com o ambiente escolar, um contato significativo com sua escolha profissional, é também um momento de confronto entre a teoria e prática, pois através da prática alcançamos a eficácia de inúmeras teorias estudadas na universidade, por isso, o estágio não deve ser visto como um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Sobre esta perspectiva, Pimenta e Lima ressaltam:

O estágio como campo de conhecimentos e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente (PIMENTA; LIMA, 2011, p.61).

As aulas de estágio supervisionado são organizadas de maneira que possibilitem o contato na escola campo e os encontros na universidade, onde acontece a troca de experiências e reflexão crítica entre os acadêmicos e o professor orientador, sobre as observações e resultados obtidos nas atividades. Esta socialização é de suma importância, tendo em vista que cada escola apresenta aspectos particulares, e necessitam de intervenções pedagógicas distintas, com base nessa realidade, percebemos as dificuldades e desafios que envolvem o processo educativo.

A partir desses relatos de experiências, o professor responsável pelo componente curricular, prepara suas aulas objetivando atender as necessidades dos licenciando, direcionando estudos de textos e autores que abordam temáticas educacionais, propiciando um crescimento pessoal e profissional para ambas as partes. Portanto:

O estágio se caracteriza mais como uma interação do que simples intervenção, abrindo-se a possibilidade de uma ação entre universidade e escola, na qual professores-alunos e professor de estágio também atualizam seus conhecimentos acerca da profissão docente (PIMENTA; LIMA, 2011, p.114).

A primeira fase do estágio é caracterizada pela observação da prática do professor regente, do funcionamento da escola e todo cotidiano, essa etapa permite a coleta de importantes informações a respeito do contexto escolar. A partir desse conhecimento

adquirido, o aluno-estagiário passa a planejar ações pedagógicas que serão colocadas em prática na regência. As fases supracitadas são desenvolvidas nas séries do ensino fundamental II e ensino médio (regular ou EJA).

Portanto, torna-se evidente a contribuição do estágio supervisionado na vida do futuro profissional da educação, porém essa experiência não é suficiente, o professor deve recorrer a uma formação contínua, que aprimore suas habilidades e enriqueça seus conhecimentos, pois diariamente nos deparamos com transformações no sistema educacional, que requer profissionais atuantes na construção de melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

2.2. O estágio supervisionado na escola campo

As escolas campo de estágio onde foram realizadas as práticas investigativas permitiram o acesso às salas de aulas e todo cotidiano escolar, porém algumas instituições e educadores ainda são relutantes na aceitação de estagiários, defendendo a ideia de que essa inferência é prejudicial ao processo educativo, compromete o cronograma e o planejamento bimestral. No entanto, acreditamos que o estágio pode ser compreendido como uma troca de saberes entre professor-regente e aluno-estagiário, desde que haja uma conscientização da importância dessa prática e da colaboração da própria escola campo e seu corpo docente nesse processo de formação de futuros educadores, pois todas as partes estão engajadas num único ideal: a educação.

Assim, propomos que o estágio, em seus fundamentos teóricos e práticos, seja esse espaço de diálogos e de lições, de descobrir caminhos, de superar os obstáculos e construir um jeito de caminhar na educação de modo a favorecer resultados de melhores aprendizagens dos alunos (PIMENTA; LIMA, 2011, p. 129).

O aluno estagiário não deve assumir uma postura de mero observador ou crítico da prática do professor regente, ele pode colaborar nas aulas, no planejamento e nas metodologias, objetivando melhorias para o sistema educacional. Mas para que essa intervenção aconteça, é preciso que haja uma relação harmônica entre ambas as partes. Pois muitos professores persistem no trabalho com a metodologia tradicional e não aceitam a inovação proposta pelo estagiário, geralmente, esse impasse é resultado da insegurança e ausência de formação continuada. Precisamos entender que estes professores não tiveram a mesma formação que obtemos atualmente, novas teorias e práticas foram descobertas e tornou-se necessário capacitá-los para essas mudanças. Desse modo, o estágio supervisionado pode

ser visto como um meio de inovação da prática do professor regente e de todo ambiente escolar, através das ações pedagógicas que o licenciando trabalhará na escola campo.

Além da troca de experiências, a vivência na escola campo de estágio permite o desenvolvimento e execução de projetos pedagógicos que abordem as novas teorias e metodologias, voltadas para as necessidades diagnosticadas na fase de observação.

3 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A formação de leitores e escritores de textos é a principal preocupação das escolas, que tentam trabalhar a leitura de forma que possa colaborar efetivamente no desenvolvimento de diversas habilidades do aluno, mas encontram muitos obstáculos no cumprimento dessa tarefa.

Com a convivência nas salas de aulas das escolas campo, foi possível perceber que estas instituições enfrentam essa questão com dificuldade, o que prejudica o trabalho escolar. São inúmeros os fatores que contribuem com o desinteresse dos alunos pela leitura e que ao mesmo tempo torna a produção textual uma atividade complicada e desestimulante. Diante dessa realidade, os professores buscam repensar seus métodos, incorporando em seu planejamento práticas inovadoras, com intuito de amenizar essa problemática.

Toda escola deve priorizar atividades relacionadas à importância da leitura e da escrita, pois são elementos fundamentais na formação dos indivíduos, também precisa demonstrar que a prática de leitura não é algo complexo e que se faz presente na nossa vida desde os primeiros momentos de existência, mesmo quando não somos capazes de ler palavras ou textos, fazemos leitura do nosso mundo particular.

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo” bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos de conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos (FREIRE,2001,p.71).

Com base nessa ideia, é possível afirmar que a leitura não é simplesmente uma aprendizagem adquirida no ambiente escolar, pois mesmo antes de frequentar a escola, a criança faz leitura das diversas situações de seu cotidiano, que permite a criação de textos

imaginários e orais, porém no ambiente escolar essa habilidade será modelada e direcionada pelos educadores. “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2001, p.20). A leitura permite o desenvolvimento intelectual do indivíduo, quando se caracteriza como prática atrativa, prazerosa e significativa, e essa visão merece ser verdadeiramente propagada no meio escolar, de forma interdisciplinar, pois o desenvolvimento de atividades que envolvem a leitura e a escrita é imprescindível em qualquer disciplina, não apenas no ensino de Língua. Sobre esse ensino de leitura numa perspectiva interdisciplinar, Antunes argumenta:

A atividade de leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral (ANTUNES, 2003, p.70).

Esse pressuposto revela o tratamento que deve ser dado ao ensino de leitura em sala de aula, sendo um fator relevante na vida escolar e social do educando, precisa ser priorizado e trabalhado de forma articulada, possibilitando a ampliação de conhecimentos linguísticos, discursivos, analíticos, ou seja, contribuindo positivamente no processo educativo.

3.1. Refletindo sobre as práticas de leitura e escrita no Ensino de Língua Portuguesa

As reflexões propostas no item anterior nos remetem a um questionamento: Se a leitura é uma atividade do nosso cotidiano, do meio social, por que os alunos apresentam desinteresse por esta prática na escola?

A noção de leitura escolar normalmente é restrita e distorcida, tornando-se um processo de decodificação de texto. Porém, para que a leitura aconteça não basta decifrar palavras, ou ler superficialmente uma grande variedade de textos, como um ato mecânico, é preciso que haja compreensão daquilo que está sendo lido. Essa situação de decodificação é comum nas escolas, o que ocasiona desinteresse por parte dos alunos.

Uma outra prática muito empobrecedora está baseada numa concepção da atividade equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno (KLEIMAM, 2007, p.20).

O processo de leitura deve garantir ao aluno o acesso a uma diversidade de gêneros textuais, apropriados a cada faixa etária, e essa atividade precisa ser colocada em sala de aula de forma dinâmica e espontânea, que estimule os alunos a pensar, refletir, recapitular, associar

a informação ao seu conhecimento prévio, questionar, expor sua opinião e aperfeiçoar seu senso crítico. “Se é praticando que se aprende a nadar, se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e a escrever”. (FREIRE, 2001, p.4). Essa prática de leitura pode ser obtida no meio social, mas deve ser incentivada principalmente na escola, por meio do educador, que precisa ser um leitor assíduo de diferentes gêneros, e esta é mais uma dificuldade constatada, pois uma grande parte dos professores não tem o hábito de ler, e a ausência dessa prática, torna distorcida a aprendizagem dos alunos sobre leitura e escrita, pois numa sala de aula o professor é visto como um exemplo a ser seguido.

A falta de uma formação contínua consistente e inserida nos contextos atuais precisa ser repensada pelo sistema educacional, pois se apresenta como um fator imprescindível no processo de ensino e aprendizagem. O professor precisa de capacitação para enfrentar os diversos desafios que surgem constantemente no ambiente escolar. A escola precisa estimular e promover encontros pedagógicos entre os professores, propiciar momentos de reflexões/discussões a respeito de um processo educacional voltado para um contexto contemporâneo, que inclua uma perspectiva moderna e digital, tendo em vista que diariamente a metodologia tradicionalista perde seu espaço para conceitos inovadores.

Muitas transformações permeiam o ensino de Língua Portuguesa, porém existe o estereótipo de que esse ensino deve ser direcionado exclusivamente para o estudo de regras e conceitos gramaticais, essa distorção aumenta no Ensino Médio, quando surgem as cobranças desse conhecimento voltado para concursos e vestibulares. Também podemos mencionar a leitura de livros de literatura exigidos nesses processos seletivos, mais um momento onde a prática de leitura perde seu sentido, o aluno não ler por prazer, com intuito de aprofundar seus conhecimentos, faz a leitura pensando na questão que cobrará dele tal conhecimento, ou simplesmente lê o resumo do livro, para ter ao menos uma visão superficial do conteúdo. Essa leitura não acrescenta em nada na formação desse indivíduo, pelo contrário, ocasiona aversão à leitura e ao livro.

Os diversos concursos para cargos públicos e para vagas em colégios e universidade, sejam estes a nível federal, estadual ou municipal, ou do setor privado, exigem do candidato o conhecimento fragmentado e mecânico sobre a gramática da língua decorrente de uma abordagem de ensino que é ativamente contrária a uma abordagem global, significativa, baseada no uso da língua. (KLEIMAN, 2007, p.16).

Essa concepção de ensino de língua restrita a elementos gramaticais, não é atribuída apenas pela escola, mas também pelos pais e pela sociedade. Por isso, mencionamos os

desafios dos professores na implantação de novas metodologias, ele precisa enfrentar a resistência do próprio aluno e seus respectivos pais, que vivenciaram também um ensino de língua portuguesa fragmentado, descontextualizado, com práticas de leitura desmotivadoras.

De fato, um dos maiores equívocos consiste em se acreditar que o conhecimento da gramática é suficiente para se conseguir ler e escrever com sucesso os mais diferentes gêneros de texto, conforme as exigências da escrita formal e socialmente prestigiada. Somente com base nesse equívoco é que se pode justificar o apego dos professores (e de toda a comunidade escolar, os pais, inclusivamente) (ANTUNES, 2007, p. 53).

Nesse contexto de fragmentação do ensino de Língua Portuguesa, destacamos a divisão que muitas escolas privadas adotam para esse ensino, criam-se três disciplinas: gramática, literatura e produção textual, que são ministradas por diferentes professores. Na rede pública de ensino, as aulas de português são ministradas por um único professor, que por sua vez, também subdivide o ensino de língua. Toda essa dicotomia pode ser consequência da divisão do ensino de Língua Portuguesa proposta pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nº 5.692/71):

A disciplina na LDB nº 5.692/71 vinha dicotomizada em Língua e Literatura (com ênfase na literatura brasileira). A divisão repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, e mesmo os vestibulares, reproduziram o modelo de divisão. Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo aulas específicas como se leitura/literatura, estudos gramaticais e produção de texto não tivessem relação entre si. Presenciamos situações em que o caderno do aluno era assim dividido (BRASIL, 2000, p.16).

Um aspecto preocupante no ensino é a constante separação feita entre língua e literatura, distribuídas em horários diferentes, pois apesar de compor uma única disciplina, o sistema educativo, professores e livros didáticos persistem na divisão de conceitos e práticas.

Diante dessa realidade, fica evidente o tempo limitado destinado à leitura na sala de aula, sempre trabalhada como pretexto de uma análise gramatical, o estudo ortográfico, o estudo de vocabulário, para interpretações incoerentes, e por fim uma produção de texto, com finalidade avaliativa. Sobre essa problemática, Antunes (2003) ressalta:

Pela observação de como atuam os professores, é possível constatar que as coisas funcionam (salvo honrosas exceções) mais ou menos assim: se o professor pretende ensinar “pronomes”, por exemplo, começa por selecionar as definições e classificações desta classe de palavras e, depois, escolhe um texto em que apareçam pronomes, para nele identificar suas várias ocorrências e classificá-las conforme a nomenclatura gramatical. O texto serve, portanto, apenas para ilustrar uma noção gramatical e não chega a ser o objetivo do estudo.

Sobre as atividades com leitura e produção textual para fins avaliativos, Kleimam (2007) argumenta:

... a leitura que é cobrada mediante resumos, relatórios e preenchimentos de fichas é uma redução da atividade a uma avaliação desmotivadora. A insistência no controle diminui a semelhança entre a leitura espontânea, do cotidiano, e a leitura escolar, ajudando na construção de associações desta última com o dever e não com o prazer.

As atividades com leitura seguem sempre o mesmo roteiro pela maioria dos professores e não estimulam a interação entre professor e aluno. Muitas vezes, o aluno sendo um leitor inexperiente, não associa de imediato à pluralidade de significações contidas no texto, e o professor precisa estimular a construção de diálogos e questionamentos sobre fatores importantes do texto, que levem o aluno a alcançar o entendimento. Percebemos a necessidade de uma relação harmônica entre professor e aluno, para que o processo de ensino e aprendizagem tenha êxito. O professor não precisa fazer uso do autoritarismo para ensinar a ler, basta cultivar uma relação de respeito e construção de sentidos com seus alunos.

A prática de sala de aula, não apenas da aula de leitura, não propicia a interação entre professor e aluno. Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professor e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alta do texto, e depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto, que não levam em conta se o aluno de fato o compreendeu. Trata-se, na maioria dos casos, de um monólogo do professor para os alunos escutarem. Nesse monólogo o professor tipicamente transmite para os alunos uma versão, que passa a ser a visão autorizada do texto (KLEIMAM, 2007, p. 24).

Nessa perspectiva, entendemos que a interação entre professor e aluno é imprescindível no processo educativo, e principalmente na atividade de leitura e compreensão de texto, pois quando o professor estimula o diálogo, a troca de experiências e a reflexão em sala de aula, possibilita a imaginação, a criatividade, a construção de valores e do senso crítico do aluno.

Dessa forma, torna-se evidente a importância das práticas de leituras no contexto escolar, porém estas atividades precisam ser aperfeiçoadas, de modo que possam contribuir para o desenvolvimento dos alunos na escola e na sociedade.

3.2 O papel do livro didático na construção do hábito da leitura

O livro didático é o principal recurso utilizado em sala de aula, principalmente nas escolas da rede pública, mas esta fonte de trabalho apresenta uma série de implicações no processo de ensino e aprendizagem. Um dos fatores negativos é a fragmentação do ensino de

língua portuguesa, citada anteriormente e também a abordagem distorcida atribuída à atividade com textos, colocados como objeto de estudo dos aspectos gramaticais. Estes fatos preocupantes têm desencadeado discussões e mudanças no material didático de algumas editoras, que procuram adaptar-se aos novos conceitos e perspectivas do ensino de língua, priorizando a prática de leitura e escrita em sala de aula.

No entanto, essas mudanças nas atividades de análise e compreensão de textos, ocorrem lentamente, o que prejudica o ensino de língua portuguesa, pois os alunos não são estimulados a construção do senso crítico, apenas extrai do texto as respostas, uma atividade de reprodução, sem que haja uma reflexão e argumentação.

Outro aspecto preocupante do livro didático é a restrição de gêneros textuais, em diversos casos, os textos trabalhados são inadequados e não atendem as necessidades dos alunos, percebemos a ausência de temáticas atuais, que façam parte do contexto social, e todas essas implicações ocasionam o desinteresse pela leitura no ambiente escolar.

... os textos trabalhados nos manuais escolares são pouco representativos da diversidade textual encontrada no dia a dia. A escola poderia oferecer mais oportunidade de contato com textos não narrativos, tais como as bulas de remédio, as instruções de uso de aparelhos, os contratos de aluguel, as atas de condomínio, as propagandas, as notícias de jornal (MARCUSCHI, 2007, p.266).

Com base nesse argumento, podemos reafirmar a importância do livro didático em sala de aula, podendo ser um recurso incentivador da prática da leitura, desde que seus textos abordem uma variedade de gêneros relevantes à realidade e ao conhecimento prévio do aluno.

Desse modo, entendemos o livro didático como uma ferramenta indispensável no ensino, que facilita o trabalho e evita a perda de tempo, porém precisa ser direcionado de maneira correta, e esta é uma responsabilidade do professor.

Tudo depende da formação do professor e de sua habilidade para transformar o livro didático em aliado na motivação dos alunos em sala de aula e não apenas um único recurso que, utilizado à exaustão, pode tornar as aulas cansativas (SILVA, 2006, p.93).

Além do livro didático, inúmeros recursos podem ser adotados na sala de aula, e nesse sentido podemos ressaltar a importância do planejamento das aulas, por meio deste, o professor seleciona métodos e recursos adequados para cada conteúdo, que priorizem o dinamismo e o lúdico nas atividades, principalmente no direcionamento das práticas de leitura.

4 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA : RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

A partir da vivência nas salas de aula das escolas campo de estágio, foi possível conhecer todo contexto e funcionamento escolar. Na universidade são promovidas inúmeras discussões, embasadas em teóricos renomados, que nos remete a uma idealização do ensino de língua e da educação, mas quando nos deparamos com a realidade, percebemos o quanto é diferente, a prática na sala de aula nos faz conhecer verdadeiramente os desafios do trabalho docente.

São inúmeros os fatores que estão presentes no cotidiano escolar, e que refletem no processo de ensino e aprendizagem. A estrutura da escola, os recursos didáticos, a formação e capacitação dos professores, a diversidade de realidades trazidas pelos alunos, que em sua maioria vivenciam problemas familiares e financeiros, todos esses aspectos devem ser considerados relevantes no processo educativo.

O estágio supervisionado I foi realizado no Centro Educacional Raul de Freitas Mouzinho, localizado na Rua Henrique Pacífico, Bairro Primavera, Guarabira – PB. A escola atende a uma clientela total de 1.105 alunos com faixa etária de 05 a 55 anos, do sexo masculino e feminino, vindos de família com baixa condição econômica, onde a maioria reside na zona urbana. Seu funcionamento abrange quatro modalidades de ensino 1ª e 2ª fase do Ensino Fundamental (diurno), EJA Fundamental e Médio (noturno). O ambiente das salas de aula não é propício à aprendizagem, não é bem arejado e iluminado, dificultando a concentração dos alunos e conseqüentemente o processo educativo. A estrutura da escola não garante o conforto e a inclusão de alunos com deficiências especiais, sendo uma necessidade primordial a adaptação desse ambiente.

As observações realizadas nas turmas de 6º ao 9º ano (tarde), permitiram a constatação das dificuldades com leitura em sala de aula, os alunos apresentavam comportamento indisciplinar, não participavam dos momentos de leitura propostos pelo professor, e este por sua vez, no intuito de amenizar a desordem, parava o trabalho com texto e se detinha ao estudo gramatical com exercícios descontextualizados.

As questões referentes ao alto índice de indisciplina e violência escolar estavam sendo trabalhadas pela escola e corpo docente, por meio de projetos pedagógicos, estimulando o respeito mútuo, o direito à diferença, a construção do indivíduo crítico e consciente de seus direitos e deveres, pois se tratava de uma problemática generalizada no espaço escolar e que

prejudicava o processo de ensino e aprendizagem. Sobre as relações entre aluno - aluno e aluno - professor, Vasconcellos (1995) afirma:

A construção do relacionamento humano é fundamental para o processo educativo. Os próprios alunos percebem que uma classe unida, onde há calor humano, respeito, aceitação, é motivo de “dar gosto de vir na escola”, ajudando inclusive, cada uma a lidar com seus defeitos, com seus limites. Não podemos perder de vista que a construção do conhecimento em sala de aula necessita da construção de pessoa e esta depende da construção do coletivo, base de toda construção (VASCONCELLOS, 1995, p.18).

Nessa experiência com o ensino fundamental, também enfrentei a relutância do professor com os novos conceitos do ensino de língua. Não pude colocar em prática atividades relacionadas à construção do hábito de leitura, pois o professor regente sugeriu a continuidade dos conteúdos gramaticais que estavam sendo trabalhados por ele, ressaltando a importância do seguimento do cronograma, que se encontrava comprometido. Não critico sua postura, entendo a complexidade de trabalhar métodos e teorias, sem o domínio necessário, por isso, reforço à ideia da formação continuada, para todos os professores, sendo uma forma de manter-se atualizado e preparado para lidar com as mudanças que permeiam o ensino de língua portuguesa. Entretanto, terminei essa etapa do estágio, sem a sensação do dever cumprido, pois não tive a permissão de colocar em prática todos os conceitos trabalhados na Universidade, que poderiam ter auxiliado nas reais necessidades desses alunos.

A primeira etapa do Estágio Supervisionado II foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Emiliano de Cristo, localizada na Rua São Lordão, Bairro Nordeste II, Guarabira – PB. A escola dispõe de uma estrutura física ampla, conservada e organizada, que atende a uma clientela total de 870 alunos, subdivididos em três turnos (manhã, tarde e noite), com quatro modalidades de ensino: 2ª fase do Ensino Fundamental, EJA Fundamental e Médio e Técnico Profissionalizante. A clientela dessa escola é formada por alunos com faixa etária a partir de 11 anos, do sexo masculino e feminino, vindos de família com baixa aquisição sócio – econômica, em sua maioria residente da zona urbana. Seu corpo docente é composto por quarenta e um professores, na sua maioria do sexo feminino, com faixa etária acima de trinta anos, ensino superior completo, efetivos em suas respectivas áreas de atuação.

A partir da prática investigativa nas turmas de 2º e 3º ano do ensino médio (EJA), foi possível constatar a problemática voltada para as práticas de leitura e escrita. A professora regente se utilizava de metodologias renovadas, diversos recursos didáticos, porém, essa dificuldade era trazida pelos alunos desde as séries remotas. Um fato preocupante, mas que

pode ser superado em qualquer escola, desde que haja professores comprometidos com o processo de ensino e aprendizagem.

Nessas salas de aula, muitos alunos passaram a construir o hábito da leitura, através das atividades propostas pela professora, para muitos parecia ser tarde demais, por se tratar do ensino médio, mas nunca é tarde para criar o hábito da leitura e da escrita. Reafirmo o papel do professor, de extrema importância, assumindo a função de mediador e transformador dos saberes.

Nessas observações, tornou-se evidente outra particularidade das turmas, eles afirmavam não saber produzir textos, porém em discussões e diálogos promovidos em sala de aula, percebi a espontaneidade e segurança no uso da oralidade, participavam, questionavam, argumentavam diante dos temas propostos, sem receios. Muitos acrescentavam histórias, relatos, fatos de seu cotidiano aos diálogos, e a aula se tornava dinâmica e interativa. Quando o ambiente de sala de aula tornou-se um espaço de interação, as aulas passaram a ser atrativas e prazerosas. Este aspecto é fundamental, para a permanência dos alunos na escola, as aulas precisam ser convidativas, estimulantes, por isso que o planejamento é essencial, através dele, o professor seleciona estratégias de ensino condizentes a realidade de seus alunos.

A segunda fase do estágio supervisionado II, caracterizado pela regência, foi realizada no Centro Educacional Osmar de Aquino, situado na Rua Luiz José de Oliveira, 215, Bairro Santo Antônio, Guarabira – PB. A escola dispõe de três modalidades de ensino: Ensino Fundamental II e Ensino Médio no período diurno, 2º e 3º ano do ensino médio e Magistério no período noturno, atendendo a uma clientela de 1.067 alunos.

Nas cinco aulas ministradas para as turmas do 2º e 3º ano/ magistério, trabalhamos a prática voltada para a construção do hábito da leitura e compreensão textual, utilizando o gênero: Fábula. A partir dos textos: “Piquenique das tartarugas” / “O cavalo e o burro”, direcionaram-se as atividades de leitura, conversação, diálogos sobre as temáticas e características do gênero, permitindo a narração de outras histórias de conhecimento popular inseridas no contexto social dos alunos. Nessas atividades relacionadas às características do gênero textual, desenvolvi diálogos sobre a moral das fábulas, como uma atividade reflexiva, fazendo intertextualidade com os provérbios, que circulam no meio social e popular, que também objetivam um ensinamento. Por fim, especifiquei os elementos da narrativa e trabalhei uma atividade de escrita voltada para a reconstrução das fábulas.

Dessa forma, conseguimos tornar a sala de aula um ambiente agradável, de troca de saberes e de motivação. Os métodos tradicionalistas, repletos de autoritarismo, onde o professor assume a postura de detentor do saber, perdeu seu espaço, os saberes foram

construídos através da coletividade, da contribuição do aluno, que passa a ser reconhecido e valorizado. A professora regente teve um papel fundamental nessa prática, não demonstrou restrições, apresentou seus alunos, conversou sobre sua metodologia, deixando o espaço de sala de aula aberto para novas estratégias de ensino. Essa experiência, também proporcionou a participação em um projeto pedagógico, no qual estava sendo trabalhado a literatura oral e popular, através de atividades voltadas para leitura e escrita de cordéis, retratando fatos importantes do cotidiano da cidade. Outra estratégia, que a professora regente adotou, para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem na perspectiva da construção de leitores e escritores competentes.

Com base nas experiências do Estágio Supervisionado I e II, tornou-se evidente as particularidades das salas de aulas do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Essas turmas precisam de uma atenção especial, pois a clientela é composta por trabalhadores, domésticas e mães, que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola e para compensar o tempo perdido, recorrem para esta modalidade de ensino. O horário é diferenciado, as aulas tem duração de trinta minutos, e mesmo assim, percebemos o cansaço e a desmotivação, que dificultam o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos. Percebi que esta modalidade de ensino, requer do professor uma série de estratégias e muita dedicação. O livro didático não deve ser o único instrumento para a aula, e o estudo de regras e conteúdos decorativos não pode ser priorizado. Os recursos didáticos digitais podem ser importantes aliados nessa prática educativa, pois quebra a rotina da sala de aula e proporciona novas descobertas e aprendizados.

Também constatei uma realidade comum do sistema educacional local, na qual a disciplina de Língua Portuguesa, é vista pelos alunos como uma matéria chata e difícil, não conseguem encontrar sentido para os estudos gramaticais e reconhecem o desinteresse pela leitura, afirmando não gostar de ler, pelo fato de não entender nada do texto, o que provoca um sentimento de inferioridade. Muitos casos de evasão escolar são resultantes dessa questão, a ideia da incapacidade. E a escola juntamente com o professor precisa refletir e direcionar atividades voltadas para essas problemáticas.

As escolas públicas supracitadas apresentam alguns entraves que dificultam o processo educativo, como a indisciplina, a evasão escolar, e o desinteresse pela leitura, porém adotam projetos pedagógicos voltados para essas necessidades, uma forma correta de amenizar as dificuldades e aprimorar os conhecimentos. O projeto pedagógico, trabalhado de maneira interdisciplinar, promove a interação entre aluno e professor e incentiva o trabalho

coletivo entre os próprios alunos, resultando numa aprendizagem significativa. Os obstáculos relacionados ao ensino de língua também devem ser priorizados nesses projetos.

O Estágio Supervisionado I e II realizado nas escolas públicas de Guarabira proporcionou uma experiência significativa, principalmente na última etapa de regência, vivenciada no Ensino Médio, onde pude assumir verdadeiramente a sala de aula, seguindo meu planejamento, utilizando meus métodos e estratégias de ensino, mantendo contato real e direto com os alunos. Nesse momento reconheci a contribuição relevante do aluno-estagiário para o processo educativo e para o aprimoramento do Ensino de Língua Portuguesa nas salas de aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Língua Portuguesa voltado para novas perspectivas precisa ser disseminado nas escolas, os professores precisam ser capacitados, os livros didáticos reformulados, pais e sociedade conscientizados, dessa forma, teremos um ambiente propício para transformações. Muitos são os questionamentos que permeiam esse ensino, porém precisamos de uma prática efetiva, no combate de tantos entraves. Essa prática transformadora deve atender as reais necessidades do aluno, considerando seu contexto social e seu conhecimento prévio, precisa ultrapassar o espaço escolar, para que haja a interação dos pais e toda comunidade escolar nesse processo educativo.

A prática da leitura e escrita merece ser reconhecida como fundamental princípio para a formação do indivíduo desde as séries iniciais. E devem ter uma atenção especial no processo educativo, não há sentido em ensinar aspectos gramaticais da língua, para alunos que não possuem o domínio da leitura ou fazem da leitura uma atividade mecânica e decodificadora. Esse estereótipo designado ao ensino de língua portuguesa, como um estudo unicamente gramatical, precisa ser descaracterizado e reformulado, assim como todo sistema educacional brasileiro.

Por meio das práticas investigativas do estágio I e II, foi possível constatar uma realidade comum das escolas públicas de Guarabira, no que se refere ao ensino de leitura e escrita, com aspectos positivos e outros que clamam por melhorias. Os desafios são muitos e para superá-los é preciso acreditar na educação e na sua importante contribuição para o indivíduo e para a sociedade.

O estágio supervisionado foi um momento de grandes reflexões a respeito das teorias estudadas no curso de licenciatura e a realidade encontrada em sala de aula. Muitas dificuldades e obstáculos foram encontrados para a sua realização, mas a execução desse trabalho acadêmico contribuiu de forma grandiosa, na minha formação pessoal e profissional. Pois quando chegamos às escolas somos apresentados como simples estagiários, mas com a prática em sala de aula, passamos a ser reconhecidos como professores. Criamos uma relação de amizade, com todos que fazem parte da escola, e principalmente com os alunos, que nos tratam com respeito e afeto. Ser professor é uma missão árdua, devido aos empecilhos que dificultam nosso trabalho, porém, muito gratificante, quando percebemos os resultados positivos da nossa ação.

Ninguém começa a ser educador numa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma educador, permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, P.58).

ABSTRACT

From observations made during the regencies and supervised the course of Letters, State University of Paraíba, perceives the distortion made the practice of reading and writing in the classroom. It is a big challenge, because the school and the teacher himself think in teaching English as a purely grammatical study, full of rules and concepts, while reading and writing are brought to the classroom in error, incompatible the real needs of students, and seen by the teacher as a laborious activity, which devotes much time and resulting in delayed schedule. Thus, it is necessary for the teacher to build a new vision and methodology for this process of teaching and learning, in which the practices of reading and writing can be considered essential for the formation of the individual. Based on this assumption, this paper has as main objective to make some reflections on educational practices focused on reading and writing in school.

Keywords: Supervised; Teaching Portuguese Language; Reading; Writing.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. 6 Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. 3 Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL, SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa: Ensino Médio**. Brasília: SEF, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 41 Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

KLEIMAM, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 11 Ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino.** 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** 6 Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor. In: **Português no Ensino Médio e Formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006

VASCONCELLOS, Celso dos santos. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad, 1995.